

O uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados: uma análise do caso brasileiro¹

The use of hypothesis in investigative and data journalism: an analysis of the Brazilian case

Criselli Montipó²
Suzana Rozendo Bortoli³

Resumo: O uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados é frequente e recomendada por muitos repórteres e pesquisadores, ainda que criticada por alguns profissionais. Segundo Hunter (2013), uma hipótese aumenta a probabilidade de prever os resultados positivos. Entretanto, oferece perigos: tentar provar a qualquer custo que uma hipótese é verdadeira, a despeito das evidências contrárias, compromete a qualidade da apuração e pode levar a erros irreparáveis. O presente artigo propõe uma reflexão acerca desta prática jornalística no caso do jornalismo investigativo e de dados praticados no Brasil. Para tanto, recorre a autores que problematizam a questão do ponto de vista ético. Os procedimentos metodológicos incluem entrevistas semiestruturadas, pesquisa bibliográfica e documental. Para o recorte de profissionais entrevistados, buscou-se vencedores do Prêmio Esso. A maioria concorda com o uso da hipótese. Alguns dos entrevistados chamam de: tese, pauta ou faro.

Palavras-chave: Jornalismo Investigativo; Jornalismo de Dados; Hipótese; Práticas Jornalísticas; Ética.

¹ Trabalho apresentado no II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, durante o 10º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo, realizado na Universidade Anhembi-Morumbi, na cidade de São Paulo, entre 2 e 4 de julho de 2015.

² Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda do PPGCom da Universidade Tuiuti do Paraná (UTP); e-mail: criselli@gmail.com.

³ Mestre em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e doutoranda do PPGCOM/ECA/ Universidade de São Paulo (USP); e-mail: suzanarozendo@usp.br.

Abstract: The use of hypothesis in investigative and data journalism is frequently recommended by many reporters and researchers, although it is also criticized by some professionals. According to Hunter (2013), a hypothesis increases the probability of positive results. However, it comes with threats also: one may try to prove a hypothesis at any cost, notwithstanding the contrary evidences, and making compromises to the quality of the investigation. This can result in irreparable mistakes. This article proposes a reflection on this journalistic practice in the case of investigative and data journalism used in Brazil. The article also cites some studies about the issue from an ethical point of view. The methodological procedures include semi-structured interviews, literature and documentary search. For clipping interviewed professionals, he sought to winners of the Esso Prize. Most agree with the use of the hypothesis. Some of the respondents call: thesis, agenda or flair.

Keywords: Investigative journalism; Data journalism; hypothesis; Journalistic practices; Ethics.

.....

Jornalismo e investigação do cotidiano: a construção de pautas a partir de situações hipotéticas

O jornalismo tenta acompanhar os fatos a partir de múltiplas fontes e testemunhas oculares. Tal obrigação torna-se ainda mais latente diante da complexidade social contemporânea. Na atualidade, o que acontece cotidianamente é filtrado por uma vasta rede de conexões sociais, sendo classificado, comentado e, muito frequentemente, ignorado. Esta é a razão pela qual o jornalismo investigativo e de dados é tão importante e necessita ser balizado em preceitos éticos. Pois, ao juntar informações, filtrar e visualizar o que está acontecendo além do que os olhos podem ver, os jornalistas prestam serviço à sociedade, conforme destacam Bounegru; Chambers e Gray (2012).

Fortes (2005, p. 112), complementa: "o que diferencia o jornalismo investigativo dos demais setores da atividade são as circunstâncias, normalmente mais complexas, dos fatos, sua extensão noticiosa e o tempo de duração que, necessariamente, deve ser maior, embora quase sempre exercido sob pressão". Para Lopes e Proença (2003), o jornalismo investigativo – e podemos acrescentar o jornalismo de dados – é sustentado pela busca à verdade oculta, por meio da junção dos cacos da realidade e o estabelecimento das relações entre eles. Para os autores, tais conexões entre os fatos se dão basicamente pelo trabalho minucioso do

repórter que se arrisca na apuração de informações ocultas aos olhos da sociedade, sobre empresas, poder público e outros órgãos que as detêm. Portanto, todos os autores já citados concordam que a máxima da investigação jornalística está embasada em checar, checar e checar. Noblat (2004) chama a atenção para a importância da apuração:

Repórteres, não acreditem na primeira versão sobre o que quer que seja. Nem na segunda, mesmo que ela coincida ou se pareça com a primeira. Sejam céticos. Extremamente céticos. Duvidem de tudo e de todo o mundo. Duvidem de vocês mesmos, da própria capacidade de apurar bem. Duvidem até do que imaginam ter visto. Duvidem da memória. Por isso, apurem bem. Anotem tudo que puderem anotar - desde que a tarefa não desvie sua atenção da notícia (NOBLAT, 2004, p. 54).

Nas diversas modalidades da pesquisa jornalística é imprescindível verificar a exatidão das informações. Por isso, o jornalismo investigativo e de dados têm, na contemporaneidade, novas ferramentas à disposição – da apuração com fontes humanas, do que foi dito em matérias anteriores de jornais e revistas, até buscas em bancos de dados online – que, cruzadas, formam o novo ecossistema jornalístico apontado por Anderson, Bell, Shirky (2013). De acordo com os autores, o ecossistema atual conta com a explosão de dados digitais e nova capacidade de processamento, que trazem oportunidades para a manutenção do trabalho jornalístico – que é ainda mais essencial diante da complexidade das sociedades contemporâneas – que agora pode ser realizado com mais qualidade.

Trata-se da Reportagem Assistida por Computador (*Computer-assisted Reporting*) ou, mais recentemente, o que passou a se chamar Jornalismo Guiado por Dados (*Data-driven Journalism*). A partir de tais perspectivas, em síntese, são usadas técnicas que aprimoram o uso de *softwares* que ajudam desde a pauta do dia a dia às grandes reportagens investigativas. Tais procedimentos permitem analisar grandes quantidades de informação em menos tempo.

Essas técnicas de apuração e processamento de dados, quando utilizadas de forma ética, são responsáveis pela produção de reportagens investigativas originais que, segundo Kovach e Rosenstiel (2004), são investigações em que os repórteres descobrem atividades desconhecidas do público e que pode gerar averiguação pública oficial sobre o assunto ou atividade denunciada. Outras formas possíveis, de acordo com os autores, são a reportagem investigativa interpretativa - que revela uma nova forma de olhar algo, com novas informações sobre o assunto; ou as reportagens sobre investigações: matérias jornalísticas

que se dedicam ao acompanhamento de investigações em andamento, o que Nascimento (2010) compara ao trabalho dos escribas - escrivões da Antiguidade -, chamando de novos escribas os repórteres da atualidade que se dedicam a tal modalidade.

Sobre o uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados

O uso de hipóteses é recomendado não apenas nas reportagens investigativas e de dados, mas também em qualquer empreitada que exija investigação: uma operação policial, um projeto de pesquisa científica, um experimento médico. Embora não seja indispensável, orienta-se que exista uma hipótese que norteie o processo investigativo. Ao final, na apresentação do resultado, a hipótese pode ser confirmada ou refutada. Especificamente, o uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados é frequente e recomendada por muitos repórteres e pesquisadores, mas também é bastante criticada por outros profissionais.

Meditich (1992) destaca que o jornalismo não parte de hipótese, mas de uma *pauta* (grifo do autor). A autor defende que o método utilizado pelo jornalismo não é o mesmo da ciência: esta se torna um modo de conhecimento do mundo explicável e o jornalismo se torna um modo de conhecimento do mundo sensível. “Diferente da hipótese, a pauta não surge de um sistema teórico anterior, mas da observação não controlada (do ponto de vista da metodologia científica) da realidade” (MEDITSCH, 1992, p-55-56).

A preocupação de Meditsch está embasada no fato da lógica científico-industrial ter se tornado uma tendência crescente no jornalismo. Ele ressalta que as universidades passaram a formar burocratas, mais voltados à prática do que às teorias humanistas. Segundo o autor, a lógica positivista limita a crítica que o jornalismo poderia fomentar. Sequeira (2005) por outro lado, cita Reyes (1998) e Quesada (1987), para os quais o jornalista investigativo precisa acreditar na sua intuição. Para Reys, o repórter busca informações utilizando o que chama de “olfato inquisitivo”, ou seja, parte de suposições que geralmente são levantadas antes do início da fase de apuração. Quesada destaca que o jornalista deve dispor da intuição a fim de seguir a pista correta para sua investigação.

Sequeira busca um fundamento teórico para a importância da intuição e o encontra na Teoria da Abdução, conforme terminologia de Charles Sanders Peirce (1839-1914)⁴. Segundo tal fundamento, ao observar um fato surpreendente, o jornalista deve levantar hipóteses para explicá-lo.

Segundo Peirce, os elementos de uma hipótese sobre certo problema já se encontram na nossa mente, mesmo que não tenhamos consciência deles. Embora essa hipótese introduza uma idéia nova, ela apenas sugere que algo pode ser, sem qualquer certeza (SEQUEIRA, 2005, p. 69).

Nesse sentido, a autora defende que o levantamento de hipóteses – que podem ou não ser comprovadas no caminho da investigação – são essenciais ao trabalho jornalístico. Elas integram as fases de trabalho de uma reportagem investigativa, que segundo Sequeira (2005), são sete: busca de um novo tema; estudo de viabilidade do tema; estudo aprofundado da questão pelo repórter; criação de um projeto de trabalho; fase de apuração (documental e fontes); cruzamento de informações; e redação, edição e publicação.

Conforme Hunter (2013), uma hipótese aumenta a probabilidade de prever os resultados positivos mínimos e máximos de uma reportagem, além de ajudar a embasar a defesa da pauta. Em suas palavras:

Os repórteres estão sempre reclamando que os editores recusam suas grandes ideias de novas histórias. É claro, isso acontece mesmo. Mas frequentemente, o que o(a) editor(a) recusa não é de forma alguma a história. E sim o convite para um desastre – uma investigação pobremente planejada que queimará tempo e dinheiro por um resultado bastante incerto. Quando éramos mais jovens, nós mesmos oferecemos algumas dessas mulas mancas a editores, e fomos bastante sortudos que eles tenham quase sempre abatido esses pobres animais antes que pudéssemos montá-los. (HUNTER, 2013, p. 14).

O autor lembra que no processo investigativo, o repórter não está apenas coletando fatos, está contando histórias que espera que possam mudar o mundo. O autor defende, portanto, que a hipótese lhe ajudará a explicar a história aos outros, começando pelo seu editor e editora, e então ao público. Hunter sugere que a hipótese seja afirmada como um história, portanto apresenta uma estrutura para a situação hipotética. Para ele, a hipótese

⁴ Charles Sanders Peirce foi um estudioso americano, matemático, psicólogo, entre outros, conhecido por sua contribuição ao estudo da semiótica. Com informações de: <<http://www.peirce.org>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

inicial não deve ter mais do que três frases: 1) situação que gera sofrimento (ou gera algo) e que precisa ser conhecida (presente); 2) algo aconteceu que a situação ficou neste ponto (passado); e 3) algo acontecerá se nada mudar (futuro).

O autor sugere, portanto, que as hipóteses sejam histórias, situações do cotidiano que mantém a coesão entre cada passo do processo investigativo, desde a concepção até a pesquisa, redação, controle de qualidade e publicação. “Também nos referimos a essa abordagem como a investigação a partir de histórias, porque começamos formulando a história que esperamos redigir como uma hipótese que será ou verificada ou refutada” (HUNTER, 2013, p. 4). É apenas uma hipótese – enfatiza o autor – porque ainda não provou que a questão levantada é a história correta. O autor recomenda os seguintes passos: a descoberta de uma questão; a criação de uma hipótese para verificar; a busca por dados de fontes abertas (relatórios, bancos de dados, meios de comunicação, etc), para verificação da hipótese; a busca por fontes humanas que poderão comprovar ou contestar os dados levantados; a organização dos dados, à medida em que são coletados; a conferência minuciosa dos dados; a composição da narrativa jornalística; a publicação e o acompanhamento dos desdobramentos.

Entretanto, além das vantagens, Hunter também adverte sobre os perigos do uso da hipótese: tentar provar a qualquer custo que uma hipótese é verdadeira, a despeito das evidências contrárias, compromete a qualidade da apuração e pode levar a erros irreparáveis. “Seja honesto(a) e cuidadoso(a) sobre como você utiliza as hipóteses. Procure refutá-las, tanto quanto prová-las” (HUNTER, 2013, p. 17). E provoca: “O que fazer se os fatos contrariam a sua bela hipótese? Simples: aceite os fatos, e produza uma nova hipótese”, (p. 19).

Desta forma, de acordo com este e outros pesquisadores, dados e hipóteses poderiam integrar, juntamente, o processo investigativo. Bounegru; Chambers e Gray (2012) defendem que jornalistas deveriam ver nos dados uma oportunidade. Conforme os autores, os dados podem, por exemplo, revelar como alguma ameaça abstrata, como o desemprego afeta as pessoas com base em sua idade, sexo ou educação. Usar dados transforma algo abstrato em algo que todos podem entender e se relacionar.

Importante mencionar que a hipótese formulada também depende da visão do repórter. Como lembra Christofolletti: “Jornalistas lançam seus olhares para os fatos, enxergando neles notícias potenciais. Cidadãos comuns veem nos relatos dos meios de comunicação lampejos de realidade, verdades cristalizadas, versões bem-acabadas” (CHRISTOFOLETTI, 2008, p.78).

Tal questão remete aos preceitos éticos do jornalista diante do interesse público, ao que Karam (2004) chama de responsabilidade profissional de trabalhar com a diversidade de tempos sociais, de memórias coletivas, memórias autobiográficas ou pessoais, que idealmente devem expressar-se em seu tempo singular de produção informativa. Portanto, para Karam, o jornalismo lida com a reconstrução do presente sempre fugaz, que ele dá uma dimensão histórica da memória humana, não única, mas diversa, contraditória, plural.

O autor pondera que as consequências sociais da atividade jornalística são grandes e evidentes. De acordo com Karam, a prática é uma forma de contribuir para que, pela intervenção da crítica teórica, adquira novos procedimentos, confirme alguns, melhore outros. A pretensão da teoria, por sua vez, é mostrar que qualquer atividade e qualquer reflexão sobre a prática estão juntas um mesmo processo e em seu deslocamento no tempo. “O papel da teoria, nesse aspecto, é pensar a prática e suas implicações imediatas de poder, pela crítica, repensá-las em novas bases” (KARAM, 2004, p.17). Para isso, é preciso refletir sobre a teoria e sobre a *práxis* jornalística – propósito deste artigo.

Em outra obra (organizada juntamente com Cristofolletti), Karam destaca - no prefácio - que cresce a importância do desvendamento cotidiano da realidade e de sua exposição no contexto do que ele chama de era dos segredos e da informação. O autor destaca que cabe ao jornalismo investigativo (e de dados) mostrar aquilo que tem de mais relevante e útil socialmente, por meio de uma atividade cujos princípios pretendem dar transparência social, vinculada ao interesse público, de temas, de questões, de aspectos fundamentais do dia a dia, para que a sociedade possa se situar mais e, frisa o autor, melhore, também, de forma mais imediata. E complementa: “Tal perspectiva tem correspondência também no campo de estudos em jornalismo. Por isso, o tema cada vez mais tem razão de ser, aproximando a pesquisa feita em universidades com as práticas rotineiras da profissão jornalística” (CRISTOFOLETTI; KARAM, 2011, p. 9). O autor se refere ao evento que deu origem ao

livro com tal finalidade: os Seminários Brasil-Argentina de Pesquisa e Investigação em Jornalismo, realizados pelo Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) e pela Pós-Graduação em Jornalismo da UFSC (PosJor), com o apoio da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji) e do Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC). Evento e obra visam unir pesquisa e prática a fim de dar contribuição à vida social concreta.

De acordo com este propósito, para este artigo recorreu-se a autores que problematizam a questão do ponto de vista ético e foram realizadas entrevistas semiestruturadas (ver Apêndice). Deu-se atenção aos vencedores do Prêmio Esso de Jornalismo. Criado em 1955 pela empresa que deu nome à premiação, o Prêmio Esso já recebeu mais de 30 mil trabalhos em quase 60 anos⁵. Como premiação de maior prestígio no Brasil, partiu-se do pressuposto de que os jornalistas que recebem o troféu unem ética e técnica, em uma simbiose que remete à teoria e à prática. Por isso, no próximo tópico, a análise focará sobre se e como os jornalistas têm usado ou refutado as hipóteses.

Dica? Faro? - Análise sobre o uso da hipótese por jornalistas brasileiros

Esta pesquisa buscou trazer à luz da discussão prática e teórica o uso da hipótese por jornalistas brasileiros. Para tanto, em um primeiro momento, de maio a junho de 2015, foram enviados questionários via *e-mails* para repórteres investigativos e de dados vencedores do Prêmio Esso de 2009 a 2014, a fim de proporcionar uma leitura contemporânea sobre o caso. Para as entrevistas (Apêndice), buscou-se contemplar todas as regiões brasileiras, que de acordo com a premiação são quatro: Sul, Sudeste, Centro-Oeste e Norte/Nordeste.

Em junho de 2015, também aplicou-se um questionário eletrônico destinado a outros repórteres que atuam nesta área, no Brasil. O formulário foi enviado às listas de associados da Abraji, da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor), da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação (Compós).

⁵ Com informações da página eletrônica. Disponível em: <<http://www.premioexxonmobil.com.br>>. Acesso em: 13 jun. 2015.

Muitos foram os interessados na pesquisa, mas poucos conseguiram respondê-la. Para tanto, esta análise conta com a opinião de oito repórteres investigativos e de dados (apenas um preferiu não se identificar).

A maioria concorda com o uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados, ou chama aquilo que motiva uma reportagem de: tese ou pauta. Outros, no entanto, discordam e chamam a motivação da pesquisa jornalística de *faro*, como o entrevistado Hugo Studart:

Jamais conheci um repórter investigativo que saísse a campo com hipótese previamente formulada. Obviamente todos nós temos uma ideia do que buscamos e do que podemos encontrar, a partir das dicas das primeiras fontes. Mas não é como hipótese de pesquisa acadêmica, com problemas delineados. É muito mais intuitivo. Tanto que usamos o termo "*faro*" e chamamos os repórteres investigativos de perdigueiros (informação verbal)⁶

Studart chama também de "*dica*" ou "*inside information*". Segundo ele, se o repórter não tiver essa "*dica*", com fortes indícios, o chefe sequer deixa o jornalista gastar tempo na investigação. Ele dá um exemplo: o escândalo do uso dos cartões corporativos do governo Lula. Destaca que foi no governo FHC que os cartões foram criados. Studart patiu de uma dica de fonte de que Lula estava abusando e havia liberado gastos para tudo e todos. "Mas era uma dica, *inside information*. Academicamente, poderíamos chamar de hipótese. Mas nunca utilizamos essa expressão no dia a dia das investigações" (informação verbal).

A entrevistada Vania Mara Welte⁷ destaca que a construção de suas matérias ocorre em cima de fatos, circunstâncias, investigação, comparações entre declarações e controvérsias, checagens. "Enfim, anoto tudo e vou listando falhas, possíveis mentiras, incoerências. É bem trabalhoso, às vezes, mas não se pode ter preguiça em nossa profissão. E considero sempre a pergunta: "a quem interessa isso?" (informação verbal). Ela pondera ser arriscado basear-se em hipóteses: "A ciência levanta hipótese e sai em busca da verdade.

⁶ Entrevista concedida às autoras via questionário online em 13 jun. 2015. Hugo Studart trabalhou como repórter investigativo ou editor em jornais como *JB*, *Estadão e Folha*, e em revistas como *Veja*, *Dinheiro e IstoÉ*. Recebeu prêmios como Esso, Abril e Vladimir Herzog. Atualmente é professor-doutor da Universidade Católica de Brasília e editor-chefe da revista *Desafios do Desenvolvimento*, do Ipea.

⁷ Entrevista concedida às autoras via questionário online em 13 jun. 2015. Vania Mara Welte trabalhou na Assessoria de Imprensa da Secretaria de Saúde do Paraná, na Central de Notícias dos Direitos da Infância e da Adolescência (Ciranda) e no *Jornal hora H*, em Curitiba, onde fez grandes reportagens, inclusive sobre as *Bruxas de Guaratuba*, que venceu o Prêmio Esso Regional Sul. Atualmente trabalha na Secretaria do Desenvolvimento Urbano.

Mas, entendo que na vida real, as situações, os fatos, já nos indicam caminhos e os persigo até ter a correta comprovação do acontecimento em foco” (informação verbal).

Para a apuração da reportagem sobre o caso conhecido como *Bruxas de Guaratuba*, que venceu o Prêmio Esso Regional Sul, a repórter levantou 40 falhas no processo, que já compilava 70 mil páginas, e mostrou a fragilidade das assertivas. No caso em questão, sete pessoas foram, antecipadamente, julgadas e condenadas pela mídia, antes da sentença no Júri, porque todos se basearam nos depoimentos de autoridades. Segundo Vania Mara Welte, os fatos não eram bem assim. “E o caso não foi totalmente esclarecido décadas depois. Mas a mídia local já sentiu o peso da responsabilidade e não vai tão afoita aos fatos como são mostrados pelas autoridades. Hoje há mais cautela com a notícia e há novos e múltiplos olhares sobre os fatos” (informação verbal).

A jornalista Katia Brembatti⁸ considera que a discussão sobre uso de hipótese é realmente interessante. “Mas ela não pode ser uma amarra, porque no ‘mundo real’, a produção jornalística não se dá de uma forma tão metodológica. A hipótese também não pode funcionar como um cabresto. O jornalista precisa estar aberto para o que a apuração mostrar” (informação verbal). Ela destaca que em algumas situações usa hipótese, mas nunca com esse nome. Prefere ver de um modo menos acadêmico: algo como uma combinação de ponto de partida com uma ideia do que pode encontrar.

Para a investigação sobre o esquema criminoso de desvio de dinheiro da Assembleia Legislativa do Paraná foram levantados cinco pressupostos. Ela explica o desdobramento:

Decidimos montar uma base de dados com os diários que reunimos com fontes. O resultado foi uma planilha de Excel com 15 mil linhas. Só para digitar e organizar as informações, foram oito meses de dedicação. O trabalho foi realizado por quatro jornalistas - dois da TV e dois do jornal. Não saímos com o pressuposto de que chegaríamos a Abib Miguel, conhecido como Bibinho. Todo os caminhos da planilha é que apontavam para o ex-diretor-geral. “Entrevistamos” a planilha. O ordenamento das informações nos deu os personagens (informação verbal)

⁸ Entrevista concedida às autoras via e-mail em 20 jun. 2015. Katia Brembatti trabalha no jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba, e integrou a equipe de jornalistas que venceu o Prêmio Esso 2010 com a série *Diários Secretos*. O levantamento levou os repórteres do jornal e da *RPC TV* (que trabalharam integrados) a desvendar um esquema criminoso de desvio de dinheiro da Assembleia Legislativa do Paraná que usava funcionários fantasmas.

Para o jornalista Guilherme Amado⁹ a hipótese não é fundamental para uma reportagem, mas é um caminho possível. Ele usa o termo tese. “A tese é muito intuitiva, você suspeita de algumas coisas. Você suspeita e acaba comprovando ela ou não” (informação verbal). Para a série de reportagens *Embaixadores do Narcosul*, que recebeu o Prêmio Esso Regional Sudeste e o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo; Amado cruzou informações públicas e sigilosas da Bolívia, do Paraguai, do Peru, do Brasil e dos Estados Unidos para mostrar o modo de atuação de oito organizações criminosas. “Parti da tese de que a cooperação entre essas organizações criminosas é maior do que a cooperação diplomática entre estes países” (informação verbal). Ele destaca que outro caminho é não ter uma hipótese formada e, naturalmente, a partir da apuração chegar ao seu *lead*.

Filipe Coutinho¹⁰, destaca que a hipótese é um bom ponto de partida para começar a levantar uma pauta e, sobretudo, traçar os melhores caminhos para a apuração. Para ele:

Muitas vezes os caminhos da apuração já são delineados a partir das fontes disponíveis ou do que um próprio documento aponta. Mas, em muitas situações, levantar hipóteses para explicar ou desvendar um fato pode ajudar na apuração, seja para organização a apuração e enxergar o que pode haver atrás do fato (informação verbal).

No caso dele e de sua equipe que produziu *O jogo suspeito e a queda de Ricardo Teixeira*, a hipótese era de que havia uma ligação muito próxima entre Ricardo Teixeira, presidente da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), e Sandro Rossel, empresário responsável pela partida Brasil x Portugal, em Brasília, custeada com dinheiro público e alvo de denúncia do Ministério Público. A hipótese foi então apurar se, além da proximidade, haveria também uma relação financeira entre Teixeira e Rossel. Foi confirmada.

O jornalista Rogerio Galindo (informação verbal)¹¹ considera que a construção de uma hipótese é bem útil, inclusive, fundamental. Em suas palavras:

⁹ Entrevista concedida às autoras via telefone em 15 jun. 2015. Guilherme Amado é repórter de *Veja*. Quando atuava no jornal *Extra*, do Rio de Janeiro, produziu a série de reportagens *Os embaixadores do Narcosul*, que recebeu o Prêmio Esso Regional Sudeste e o Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo.

¹⁰ Entrevista concedida às autoras via e-mail em 12 jun. 2015. A reportagem *O jogo suspeito e a queda de Ricardo Teixeira*, publicada na *Folha de S. Paulo* venceu o Prêmio Esso de 2012. Atualmente Filipe Coutinho é repórter da revista *Época*.

Na verdade, até meio intuitivo. Quando você vai para a pauta, você tem que ter uma ideia de qual pode ser o resultado. Primeiro, porque se você não sabe do que está indo atrás (uma hipótese, por exemplo) você vai ter mais dificuldade de achar. Acho que também é útil para convencer as pessoas a participar do projeto, e o jornal a bancar a empreitada (informação verbal).

A série de reportagens *Crime Sem Castigo*, publicada na *Gazeta do Povo* em agosto de 2013 demonstrou como a lentidão na investigação de assassinatos na capital paranaense levou à alta impunidade. A série foi a vencedora da categoria regional Sul do Prêmio Esso 2013. Segundo Galindo, a hipótese central era de que os homicídios eram mal investigados. “A primeira das hipóteses era que a investigação dependia só de testemunhas e que pouca gente era ouvida. Isso se confirmou” (informação verbal). O jornalista explica que foram acrescentadas outras hipóteses à medida que o trabalho de apuração avançava.

De acordo com o repórter, sem tal hipótese não haveria a reportagem. Ele ressalta que ela partiu da convicção da equipe de jornalistas (sobre a falta de apuração dos crimes) que os levou a campo. “Além disso, orientou a leitura de uma quantidade imensa de documentos, nos ajudando a definir universo, amostra e recortes, por exemplo” (informação verbal).

Quem também concorda com o uso de hipóteses no jornalismo investigativo e de dados é o jornalista Thiago de Araújo¹²:

A hipótese é bastante relevante, uma vez que algumas áreas possuem barreiras muitas vezes pouco transparente (aqui cito textualmente a violência policial no Brasil). Assim sendo, por vezes os relatos de testemunhas, especialistas e autoridades ajudam a montar um cenário de determinada notícia na qual se pode sugerir hipóteses, mesmo que não tenhamos um compilado abrangente de dados para corroborar de maneira indubitável. O jornalismo não existe para ser o 'senhor da verdade'. Muitas vezes é permitir o debate. E o uso de hipóteses permite isso (informação verbal).

Recentemente, Araújo escreveu sobre a situação dos haitianos no Brasil. Com base nos dados disponíveis dos órgãos oficiais e entrevistas, o repórter construiu hipóteses de como o Brasil poderia e deveria se posicionar, além de traçar um breve paralelo com os

¹¹ Entrevista concedida às autoras via e-mail em 8 jun. 2015. Rogerio Galindo é repórter e colunista do jornal *Gazeta do Povo*, de Curitiba. A série de reportagens *Crime Sem Castigo*, produzida com outros três repórteres venceu a categoria regional Sul do Prêmio Esso 2013.

¹² Entrevista concedida às autoras via questionário online em 16 jun. 2015. Thiago de Araújo é jornalista do *Brasil Post*. Sua atuação se concentra no Sul e no Sudeste brasileiros.

fluxos migratórios vistos na Europa. “É um tema complexo e de difícil previsão, então aqui é um dos momentos em que as hipóteses caem bem” (informação verbal). O jornalista esclarece que a hipótese foi confirmada, já que os dados oficiais mostram um fluxo crescendo nos últimos quatro anos, e que o Brasil vem buscando atualizar a sua legislação, dando a ela um viés mais humanitário e não conservador. Portanto, a pauta já nasceu para considerar isso, o que foi corroborado pelas entrevistas, que apresentaram um contraste em aceitar e tentar dar condições dignas aos haitianos no Brasil, enquanto na Europa o foco vem sendo em buscar alternativas (até militares) para bloquear o fluxo de africanos.

O entrevistado que atua nas regiões Sul e Norte, e preferiu não se identificar, também acredita que toda pesquisa de profundidade - científica ou não - deve partir de hipóteses, que precisam ser descartadas ou confirmadas, a fim de evitar o sensacionalismo ou deixar passar uma pauta boa por falta de profundidade.

Além disso, os entrevistados também foram indagados sobre a estrutura das hipóteses. Conforme já citado, Hunter (2013) destaca que uma hipótese, ao ser construída, deve levar em conta: a) Situação que gera sofrimento e que precisa ser conhecida (Presente); b) Algo aconteceu que a situação ficou neste ponto (Passado); e c) Algo acontecerá se nada mudar (Futuro).

Galindo destaca que tal estrutura cobre grande parte das situações. “Na verdade, não sei se sempre vai ser sobre sofrimento. Se estivermos falando em investigativo como denúncia, sim. Se for sinônimo de reportagem ampla, profunda, não” (informação verbal). Araújo também concorda:

Problemas do Brasil que hoje vêm sendo amplamente debatidos repousam justamente em 'lugares comuns', que é como me refiro às condições conhecidas por todos, mas que ainda assim se repetem por décadas a fio. Hipóteses que busquem compreender o tema que se pretende abordar são de grande valia e ajuda, e para isso é preciso sim levar em conta passado, presente e futuro (informação verbal).

Brembatti destaca que nunca tinha separado em categorias os pontos de partida e as ideias de onde poderia chegar. Para a repórter, apesar da estruturação parecer um tanto asséptica, a considera abrangente a ponto de abarcar todas as demandas presentes no jornalismo investigativo e de dados:

É que no fundo, toda reportagem aprofundada e esclarecedora, de uma forma ou de outra, tenta desvendar causas e revelar fatos que ficaram obscuros ou passaram despercebidos (passado), é fruto de uma angústia com algo que é presente e tenta modificar um estado de coisas. Ou seja, interfere nos rumos da história contemporânea, nem que seja ao esclarecer ou fazer pensar (informação verbal).

Stuart e Welte discordam da estrutura apresentada, já que avaliam o uso de hipóteses imprópria no jornalismo. Um entrevistado não opinou sobre esta questão. De forma geral, todos os entrevistados demonstraram grande preocupação com a checagem das informações, com uma apuração bem feita e com os preceitos éticos do jornalismo. Afinal, conforme já salientou Sequeira (2005), diminuir ao máximo a margem de erros é a maior preocupação dos jornalistas investigativos responsáveis, que têm consciência de seu papel de apurador, organizador e intérprete dos fatos.

Considerações finais

Diante da complexidade das sociedades contemporâneas, o jornalismo investigativo e de dados pode oferecer novos olhares para temas não discutidos. Ao falar sobre jornalismo de forma geral, Anderson, Bell e Shirky (2013) já destacaram que a narração jornalística continua essencial, mesmo em tempos de crise das instituições noticiosas. Aliás, neste contexto, o jornalismo é ainda mais necessário para a tradução das realidades multifacetadas.

Por isso sua responsabilidade é tamanha. Conforme Reyes (1998), o repórter deve chegar a uma entrevista com a ideia de que, além de cumprir com o princípio da equidade, como ouvir a outra parte, será uma grande oportunidade para testar a veracidade de suas fontes e a autenticidade dos seus documentos.

Entretanto, alerta: “Se o entrevistado desvirtua as suas suspeitas, a informação obtida até este momento servirá algum dia para outros casos. O que deve evitar a todo custo é tratar de publicar seu trabalho apenas para justificar o tempo investido” (REYES, 1998)¹³.

¹³ Tradução nossa: “*Si el entrevistado desvirtúa sus sospechas, la información obtenida hasta ese momento servirá algún día para otros casos. Lo que debe evitar a toda costa es tratar de publicar su trabajo sólo para justificar el tiempo invertido*” Reyes (1998).

Dos oito entrevistados, dois não acreditam que os jornalistas possam fazer uso de hipótese. Seis sugerem que as hipóteses possam nortear o trabalho jornalístico, ainda que nem sempre chamadas desta forma. Dentre os seis que concordaram, dois destacam que o uso de hipóteses nem sempre é fundamental. Todos salientaram que as hipóteses - dicas, pressupostos - podem ser refutadas ou podem surgir novas hipóteses a partir da apuração. Salientam que sempre é a realidade dos fatos ou dos fenômenos que deve apontar o redirecionamento da investigação, jamais o contrário.

Este é o cuidado de que trata Hunter (2013) ao defender que a investigação jornalística pode ser realizada a partir de histórias ou hipóteses. Elas precisam ser refutadas sempre que a realidade demonstrar que estão equivocadas. Tal atenção foi demonstrada pelos jornalistas brasileiros ouvidos neste recorte.

Referências

- AMADO, Guilherme. [Entrevista concedida às autoras]. Minas Gerais, 15 jun. 2015.
- ANDERSON, C. W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo Pós-Industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista de Jornalismo ESPM, abril-junho de 2013, pp.30-89.
- ARAÚJO, Thiago de. [Entrevista concedida às autoras]. São Paulo, 16 jun. 2015.
- BREMBATTI, Katia. [Entrevista concedida às autoras]. Curitiba, 20 jun. 2015.
- BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy; e GRAY Jonathan (orgs). **Manual de Jornalismo de Dados 1.0**. Brasil: EJC e Abraji, 2012. Disponível em: <<http://datajournalismhandbook.org/pt/>>.
- COUTINHO, Filipe. [Entrevista concedida às autoras]. São Paulo, 12 jun. 2015.
- CRISTOFOLETTI, Rogério; KARAM, Francisco José (orgs). **Jornalismo Investigativo e Pesquisa Científica**. Florianópolis: Insular, 2011.
- _____. **Ver, olhar, observar**. In: CHRISTOFOLETTI, Rogério; MOTTA, Luiz Gonzaga (orgs.). *Observatórios de mídia: olhares da cidadania*. São Paulo: Paulus, 2008. P.77-94.
- FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. São Paulo: Contexto, 2005.

GALINDO, Rogerio. [Entrevista concedida às autoras]. Curitiba, 8 jun. 2015.

HUNTER, Mark Lee. **A investigação a partir de histórias** - Um manual para jornalistas investigativos. Montevideo: Unesco, 2013. Disponível em: <unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456por.pdf>.

KARAM, Francisco José. **A ética jornalística e o interesse público**. São Paulo: Summus, 2004.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo**. O que os jornalistas devem saber e o público exigir. Tradução de Wladir Dupont, 2ª edição. São Paulo: Geração Editorial, 2004.

LOPES, Dirceu Fernandes; PROENÇA, José Luiz. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Publisher, 2003.

MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Editora UFSC, 1992.

NASCIMENTO, Solano. **Os novos escribas** - O fenômeno do jornalismo sobre investigações no Brasil. Porto Alegre: Arquipélago, 2010.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo Contexto, 2004.

QUESADA, Montserrat. **La investigación periodística: el caso español**. Barcelona: Ariel, 1987.

REYES, Gerardo. **Interstícios Del Periodismo de Investigación**. Primera Epoca, volume 1, ano II, 1998. Disponível em: <<http://www.saladeprensa.org/art12.htm>>. Acesso em: 13. jun 2015.

SEQUEIRA, Cleofe. **Jornalismo Investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

STUDART, Hugo. [Entrevista concedida às autoras]. Brasília, 13 jun. 2015.

WELTE, Vania Mara. [Entrevista concedida às autoras]. Curitiba, 13 jun. 2015.

APÊNDICE

Questionário semiestruturado enviado aos vencedores do Prêmio Esso, às listas da Abraji, SBPJor, Intercom, FNPJ e Compós

Olá,

Gostaria de convidá-lo(a) para responder a um questionário sobre o uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados, tema da pesquisa que estou desenvolvendo juntamente com Suzana Rozendo para o II Seminário de Pesquisa em Jornalismo Investigativo, integrante do 10º Congresso Internacional de Jornalismo Investigativo da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), que será realizado de 2 a 4 de julho, em São Paulo.

O uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados é frequente e recomendada por muitos repórteres e pesquisadores. Segundo Mark Lee Hunter, em *A investigação a partir de histórias* - Um manual para jornalistas investigativos, publicado pela Unesco em 2013, uma hipótese aumenta a probabilidade de prever os resultados positivos mínimos e máximos. Entretanto, oferece perigos: tentar provar a qualquer custo que uma hipótese é verdadeira, a despeito das evidências contrárias, compromete a qualidade da apuração e pode levar a erros irreparáveis. O artigo que estamos desenvolvendo propõe uma reflexão acerca desta prática jornalística. Para tanto, busca a opinião de repórteres investigativos.

Se você integra esta categoria, poderia, por gentileza, responder às seguintes perguntas?

- 1 – Qual é a sua opinião sobre o uso da hipótese no jornalismo investigativo e de dados?
- 2 – Hunter (2013) destaca que uma hipótese, ao ser construída, deve levar em conta: a) Situação que gera sofrimento (ou gera algo) e que precisa ser conhecida (Presente); b) Algo aconteceu que a situação ficou neste ponto (Passado); e c) Algo acontecerá se nada mudar (Futuro). Você concorda com tal estrutura da hipótese? Por quê?
- 3 – Costuma construir hipóteses para suas reportagens? Por quê?
- 4 – Poderia citar uma hipótese que foi construída para reportagem?
- 5 – Ela foi modificada ao longo da reportagem? Por quê?
- 6 – De que maneira tal hipótese contribuiu para o trabalho de reportagem?
- 7 – Gostaria de acrescentar algo?

Obrigada.